

SÃO FERNANDO:
VESTÍGIOS QUE NOS CONDUZEM À ATUALIDADE

JUNHO DE 2020

Genilson Medeiros Maia

SÃO FERNANDO:
VESTÍGIOS QUE NOS CONDUZEM À ATUALIDADE

Aos que tiverem a paciência de ler este texto que aborda aspectos arqueológicos, paisagísticos, etnográficos e históricos de nossa urbe.

Aos que de forma despretensiosa contribuíram com este simples esboço no intento de facilitar o conhecimento de nossas origens sertanejas, principalmente as pessoas do pe. José Alves dos Santos e de Érica Maria dos Santos pela incansável garimpagem de informações no arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

À minha família que soube tolerar a insistência quase doentia em buscar informações para lançar nesta singela fonte de conhecimentos.

Enfim, ao querido povo sãofernandense a quem devoto grande respeito, ofereço esta singela obra literária, que produzi através da técnica de narrativa a partir das reminiscências de leituras em várias fontes, muitas das quais nem destacadas, pois se tornaria quase impossível recordar seus autores, e também de pesquisas em fontes escritas, às quais encontram-se relacionadas na bibliografia.

Genilson Medeiros Maia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PARTE I.....	9
OS NOSSOS ANTEPASSADOS.....	9
Do gentílico em São Fernando.....	9
A presença de escravos nas fazendas em São Fernando.....	15
O alicerce da povoação Pascoal, atual São Fernando	18
Aspectos urbanísticos do povoado	24
Sobrenomes que compõem as primeiras Famílias	31
Modo de vida nos anos de floreio.....	35
Motivos que levaram ao pe. Francisco Rafael Fernandes a fundar um lugarejo	36
A expansão da Rede Municipal de Ensino	44
PARTE II.....	47
A IGREJA COMO VETOR DA EVOLUÇÃO SOCIAL.....	47
A importância da Igreja no florescer de São Fernando.....	47
Atuação da Igreja em nível de Brasil	52
A Igreja Católica no Rio Grande do Norte.....	55
A Igreja Católica em Caicó	58
A atuação da Igreja Católica em São Fernando.....	59
Padres que atuaram na Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio	64
A organização da Igreja.....	66
O Conselho Pastoral Paroquial.....	66
O Apostolado da Oração	67
A Pastoral da Criança	69
A Pastoral da Pessoa Idosa	70
A Festa da Padroeira e suas consequências religiosa, social e econômica	72
BIBLIOGRAFIA / REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Esta singela obra trata de forma bastante espontânea das origens da nossa gente sãofernandense. E começa pelo começo mais longínquo, que no dia-a-dia não se costuma ouvir nem sussurro, seja nas escolas formais ou na escola da vida, presente em todos os lugares dos bulevares às periferias.

Então se começa falando dos gentílicos (ameríndios) que se faziam presentes nestas pradarias, apresentando sinais de sua existência, realçando o modo de vida e os legados oferecidos às gerações futuras. Fala-se da chegada do elemento branco seguindo as correntes de águas sertanejas, nos seus enfrentamentos com os indígenas visando a dominação espacial e social com vista ao atendimento à necessidade de mão-de-obra para a introdução de um novo modo de produção. Aborda-se a introdução de grupos negroides no sertão seridoense de forma extensiva à escravidão litorânea, embora com estratégias diferentes face ao modo de produção aqui implantado, porém com o mesmo desprezo às suas almas.

Também se registra os aspectos arqueológicos, paisagísticos, etnográficos e históricos nessas chãs de serras seridoenses, como forma de afirmação de nossa cultura brasa-europeia em que o Estado enquanto entidade organizada com

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

a finalidade de oferecer proteção ao cidadão sempre desprezou os vulneráveis e fortaleceu os descendentes luso-brasileiros.

Como efeito dessas formas de dominação o homem de raça branca assume posição de proa na sociedade, e eis que um de seus mais notáveis brotos, vinculado à Igreja Católica Apostólica Romana, faz erguer-se uma comunidade para o tempo e para a História, marcando aí definitivamente seu nome como fundador de um lugarejo, que mais tarde veio a se chamar São Fernando. Este homem – o padre Francisco Rafael Fernandes, muito embora não se possa dizer que possuía uma alma angelical, deu importantíssima contribuição para que chegássemos aos dias atuais com significativas conquistas.

A Igreja cristã desde seu nascedouro esteve ligada umbilicalmente à sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento, especialmente no amparo as camadas mais carentes. Aqui no Brasil a forma mais visível desta aliança está na criação de instituições como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em 1952, que passou a tratar e orientar a atuação do braço social da igreja. Foi a partir desta estratégia que a parcela da sociedade mais sofrida começou a receber orientação e até proteção contra o poder esmagador do Estado, seja no aspecto da dominação política ou de asfixiamento econômico-financeiro. A bandeira mais destacada desta luta se faz presente nas campanhas da fraternidade lançadas anualmente com o objetivo de forçar

uma reflexão pela sociedade sobre temas de relevância social, que surgiu dentro do Movimento de Natal.

No Rio Grande do Norte a Igreja teve uma ação bastante aguda; inicialmente, como de resto no Brasil, com a catequização dos índios e mais tarde na pacificação de parte destes gentílicos, que aliados aos holandeses praticaram os massacres de Cunhaú e Uruaçu. Depois, sob a liderança dos jovens sacerdotes Nivaldo Monte e Eugênio de Araújo Sales, criou os movimentos JCM e JCF – Juventude Católica Masculina e Juventude Católica Feminina, que deu origem ao Movimento de Natal. Este movimento produziu frutos importantíssimos como: o SAR (Serviço de Assistência Rural), as Escolas Radiofônicas, a Rádio Rural de Natal, a Escola de Serviço Social e a Campanha da Fraternidade. Foi através destes instrumentos de luta que a igreja fortaleceu os processos de defesa da sociedade potiguar.

No Seridó, mais precisamente em Caicó, a igreja seguindo as diretrizes do Movimento de Natal atuou na formação religiosa, na organização de movimentos de classes como os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, além da formação educacional com a criação do Colégio Diocesano Seridoense (CDS) em 1942, e a fundação da Emissora de Educação Rádio Rural de Caicó, em 1963. Através do colégio a igreja investiu na formação intelectual dos jovens; primeiramente, somente dos varões, e anos depois, com a

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

inserção de varoas, na formação da juventude seridoense com melhor poder aquisitivo para pagar as mensalidades escolares. Com as ondas radiofônicas veio a massificação da orientação religiosa e social e também a formação educacional nos ensinamentos básicos da população seridoense.

Em São Fernando foi a igreja a grande responsável pelos processos de formação religiosa, social e, a bem dizer, do desenvolvimento econômico. De início, cabe realçar que foi um padre que fundou o lugarejo e deu todas as diretrizes para o seu prosseguir. E como se tratava de uma região sofrida pela falta de bens materiais e, sobretudo, de valores educacionais, a igreja passou a direcionar a formação do povo, intervendo na formulação de currículos escolares, inclusive absorvendo a primeira escola na Casa Paroquial; na formação religiosa e social, com responsabilidade direta pela organização de todos os momentos de congratulação religiosa e social.

8

Como se vê pelo exposto, esta obra é simples, porém construída com uma abordagem inédita, numa visão rude sobre a igreja em suas estratégias de dominação através da religião, e de outro viés, com um louvor de reconhecimento pelos feitos dessa instituição religiosa no processo de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, potiguar, seridoense e sãofernandense.

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

SÃO FERNANDO: “VESTÍGIOS QUE NOS CONDUZEM À ATUALIDADE”.

PARTE I OS NOSSOS ANTEPASSADOS

Do gentílico em São Fernando

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2011), o Rio Grande do Norte, segundo se lê por meio Wilker Nóbrega e Francineide Araújo, conta com um vasto patrimônio material composto por bens culturais dos tipos arqueológico, paisagístico, etnográfico e histórico, os quais constituem provas irrefutáveis da presença de gentílicos em diversas regiões do Estado, mesmo antes da chegada dos colonizadores europeus.

NÓBREGA; ARAÚJO, 2013, em “*Turismo Arqueológico no Seridó Potiguar: Possibilidades e Entraves para o Desenvolvimento Regional - X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul*”, atribuem ao IPHAN o registro de um sítio arqueológico em São Fernando/RN. Contudo, baseado em recentes registros assentados oficialmente pela Prefeitura Municipal, há três sítios arqueológicos mapeados, sendo um no Sítio Pai Luiz,

“*Vestígios que nos conduzem à atualidade*”

outro no Sítio Quixaba e o último e maior no Sítio Logradouro. Em todos se verifica inscrições rupestres, com pinturas e gravuras de animais e elementos abstratos em solos líticos (serrotes/pedras).

Não há estudos etnográficos acerca do gentílico que viveu nas pradarias onde se encontram os sítios arqueológicos, mas a basear-se pelo conhecimento geral acerca dos traços físicos e culturais, bem como o modo de vida dessa gente detentora de outra cultura diferente da nossa, conclui-se que pertenciam a grupos caiacós que foram perseguidos no Sertão potiguar em final do século XVII para dar lugar à chegada dos conquistadores (pecuaristas e agricultores). Registre-se, por oportuno, a ocorrência de conflitos entre índios e colonizadores nas serras do Acari, assim como em diversas outras áreas. Um exemplo é a Lenda da Bonita, em São José do Seridó, em que uma bela índia que morava numa furna de pedra nas planícies do rio Seridó, certa vez ao sair para apanhar água foi perseguida a casco de cavalo e capturada pelo homem branco recém-chegado, tomado de ambição e determinado a eliminar o povo nativo.

Registre-se que a presença do elemento gentílico (índio) sempre foi tratada de forma bastante genérica no Brasil e também em São Fernando, como se o indivíduo não possuísse personalidade. Ao destacar a Lenda da Bonita, fez-se com o propósito de abordar esta temática e destacar a forma

exploratória com o que o elemento “branco” colonizador tratou o nativo. Veja, a índia linda foi capturada por um homem colonizador a casco de cavalo, naturalmente sua captura não tinha a intenção de ajuda-la, e sim de explora-la, máxime sexualmente. Atente-se que a historiografia acerca das expedições colonizadoras denominadas “Entradas” e “Bandeiras” não registra a presença de mulheres entre os elementos colonizadores, de modo que além do desejo de explorar o espaço produtivo; por força da ação biológica da testosterona, este indivíduo macho ao se deparar com um indivíduo do sexo feminino, sua primeira intenção era aliviar a carga hormonal. Daí surgindo a figura do elemento mameluco, resultante do cruzamento do elemento branco com o índio.

Os índios caiacós eram parte da grande etnia cariri e viviam de atividades coletoras (caça, pesca e colheita de raízes). Não se tem, em São Fernando, vestígios de edificações realizadas pelos gentílicos, o que nos leva a concluir que apenas passavam temporadas nestas pradarias, morando sob as árvores e na sombra das pedras.

Não obstante a pouca ou quase nenhuma contribuição específica para o desenvolvimento socioeconômico dos sãofernandenses, até mesmo aqueles contemporâneos dos anos de florescimento da povoação, é necessário reconhecer muitas contribuições culturais do povo indígena no Seridó, a própria

arte que deixaram consignada através dos sítios arqueológicos é, sem sombra de dúvida, uma das mais importantes; temos conhecimentos e/ou habilidades herdadas dos gentílicos como a da pesca e da caça, e, sobretudo, tem um traço de consanguinidade que segundo Darci Ribeiro na obra: A formação do povo brasileiro, estar presente por todos os rincões deste Brasil colossal.

A despeito de possuímos a mesma gênese, o gentílico com seu modo de vida peculiar não tinha ambições materiais semelhantes as nossas, pois não cercava espaços geográficos com fins meramente de posse; suas demarcações abstratas visavam tão somente a garantia da sobrevivência com suas estratégias rudimentares de coleta, de pesca e de caça. Aliás, com as características físicas do semiárido seridoense, a sobrevivência do povo gentílico aqui nestas pradarias certamente não era fácil, pois à época não existiam políticas públicas voltadas à subsistência dos seres vivos. A rigor, tanto os gentílicos quanto os animais de outras espécies viviam à mercê da própria sorte, e eram obrigados a se submeterem a constantes deslocamentos, principalmente nos períodos de estiagens prolongadas.

Um indício que dá conta destas terríveis dificuldades enfrentadas pelo povo gentílico está no tronco linguístico da etnia cariri, da qual os caiacós eram parte. Esse tronco linguístico - o macro-jê, usado pelos índios caiacós, tem no

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

próprio nome “*caa e ico*”, que significa <*mato ralo*>, segundo a Wikipédia¹, a expressão do quão era penosa a sua sobrevivência.

Com respeito a arte rupestre encontrada no Seridó e, por conseguinte, em São Fernando, se verifica expressamente em dois grupos: pinturas e gravuras rupestres. As pinturas conforme o próprio nome enuncia, consistem na pintura em pedras de figuras da fauna e da flora locais e pessoas, além de sinais gráficos abstratos. Já as gravuras consistem na incisão de imagens dos mesmos elementos nas próprias pedras.

Muitas são as dificuldades de interpretação e de datação acerca das inscrições rupestres, mas acredita-se em linha majoritária entre os estudiosos que elas possam representar cenas de caça, ritual, cotidiano, ter caráter mágico, e expressar, como uma espécie de linguagem visual, conceitos, símbolos, valores e crenças. Com relação a datação as dificuldades se apresentam porque o método carbono-14 (¹⁴C), mais apropriado que se apresenta até o momento para se fazer esta datação, pode facilmente levar a resultados errôneos pela influência que estas fontes sofrem diariamente com materiais novos impostos pela própria natureza e também pelo homem contemporâneo que ao tentar investiga-las termina por alterar as suas condições arqueológicas.

¹ Enciclopédia livre resultado de um projeto colaborativo, universal e multilíngue estabelecido na internet.

A respeito de o que afirmara Darci Ribeiro sobre a presença indígena nas terras brasileiras, que nos relata uma população de cerca de 06 (seis) milhões de pessoas, vivendo sob uma forma de organização social conhecida por *cunhadismo* quando o conquistador português aqui chegou, inobstante a falta de elementos abundantes do ponto de vista material, baseado em MACEDO, 2014, a *“população de ‘índios cristãos’ chegou, em números redondos, a 3% do total de moradores da Freguesia do Seridó, em relação ao período que foi devassado em função da disponibilidade de fontes (1788 a 1811)”*. Assim, se diga que quando o colonizador se estabeleceu na ribeira do Rio Seridó, na freguesia de Sant’Ana, com fazendas de gado, ainda encontrou alguns gentílicos em número reduzido seja por força da própria natureza, que imponha extraordinária dificuldade de sobrevivência, seja por consequência das famigeradas *“guerras bárbaras que mancharam de sangue o sertão da Capitania do Rio Grande entre o fim do século XVII e início do século XVIII”*(MACEDO, 2014), justamente com o objetivo de expulsar o povo aborígene de seu habitat, deixando as terras livres para a exploração através da criação de gados de forma extensiva. MEDEIROS; ARAÚJO, também se posicionam sobre este tema asseverando que: *“No Rio Grande do Norte, evidentemente, a ação colonizadora visivelmente lenta envolveu todo um aparato cultural, político, jurídico, militar, eclesiástico e civil, que a informou entre fins do*

século XVI e grande parte do XVII. Cabe, então, recordar que uma ação colonizadora, no sertão seridoense, somente aconteceu nos fins do século XVII, mais precisamente após a chamada “Guerra dos Bárbaros” ou Levante do Gentio Tapuia, com início em 1683 e término em 1697”.

Vê-se, portanto, que o poder estatal foi usado para dizimar as populações nativas sem levar em consideração possíveis direitos reais que detinham sobre as terras e todas as suas riquezas naturais.

A presença de escravos nas fazendas em São Fernando

O regime de dominação imposto pelo conquistador luso-brasileiro no Seridó como um todo, diferentemente da escravidão canavieira do litoral, era de trabalho servil, onde o amo oferecia pseudal liberdade ao cativo para o desenvolvimento de trabalho como vaqueiro pelos prados da fazenda. Isto, aliás, correspondia a uma estratégia bem-sucedida de parte do amo dominador, visto que as correntes adotadas nas senzalas não caberiam na lida nas chãs de serras seridoenses.

Contudo, o afro-brasileiro cativo não disponha de direitos elementares à pessoa humana como, por exemplo, sentar à mesa com a família do senhor dominador. Sua liberdade era vigiada, seu labor desvalorizado, sua vida

tratada com absoluta insignificância. Esta relação desumana já existia nas terras da fazenda Limoeiro, onde o pe. Francisco Rafael Fernandes resolveu edificar uma povoação. A própria família Fernandes/Pimenta de origem luso-brasileira detentora de vastas porções de terras no Sertão Norte-riograndense, com influência inabalável junto a Igreja Católica Apostólica Romana, onde alguns de seus integrantes (Manoel José Fernandes – Visitador Fernandes, Francisco de Britto Guerra e Francisco Rafael Fernandes) possuíam assento no clero, disponha de negros cativos para o labor nos prados de suas fazendas, conforme consta em inventário no arquivo paroquial, em São Fernando.

Neste Termo de Inventário, a viúva Izabel Maria de Araújo, faz constar a quantidade de cativos, a idade individual e o valor atribuído a cada um deles, mostrando peremptoriamente quão forte era a cultura de dominação aqui mesmo em São Fernando, e, por assim dizer, o grau de desumanidade, posto que a família contava com encomendadores de almas, que, apegados a valores seculares, não enxergavam no escravo uma criatura detentora de alma.

Esta realidade se apresentava em várias outras fazendas pertencentes a senhores com sobrenomes conhecidos no Sertão seridoense (Araújo/Alves, Medeiros, Bezerra, Azevedo/Maia, Santos, Silva, etc.). Em todas elas (fazendas), a relação social que se estabelecia entre os familiares dos

amos dominadores e os cativos afro-brasileiros era marcada por profunda injusta. Dela, não raramente, nutria-se um racismo preconceituoso que a Carta de Alforria de 1822, assinada pela Princesa Isabel não foi capaz de derrubar, e diria que sequer abalou as bases de seus tentáculos.

Não obstante esse racismo que, na prática, provocava separação corpórea e até mesmo, a depender do ambiente social, de espaço; aconteciam nas camarinhas das casas grandes sem o salteamento temporal dos acontecimentos de morte de papa, relações sexuais extraconjugais, geralmente entre o amo proprietário com uma jovem afro-brasileira, cativa na própria fazenda; ou também entre um varão filho do proprietário dominador com uma cativa; daí surgindo os conhecidos filhos bastardos no Sertão. Este costume de não reconhecer filhos fora do casamento tinha, a rigor, duas razões basilares: a uma, porque o racismo impregnante no meio social neste recorte espacial era tão forte que impedia o genitor de assumir um rebento com sangue negroide e, a duas, o sentimento possessivo no sentido de reunir e manter bens como elemento posicionador social, com base nos costumes europeus, influenciava sobremaneira este luso-brasileiro de assumir um filho bastardo em prejuízo dos matrimoniais.

A História brasileira, seridoense e, por conseguinte, sãofernandense, registra uma dívida incomensurável tanto com o gentílico – índio como o cativo afro-brasileiro que foi

trazido para estas pradarias a partir da segunda metade do século XVII e início do século XVIII, quando aqueles foram expulsos para desocupar o espaço e estes introduzidos para servirem de força laboral para desbravamento das terras de mato ralo, com atividades econômicas até então desconhecidas.

O alicerce da povoação Pascoal, atual São Fernando

Sabe-se que a fundação de São Fernando se deu no longínquo ano de 1872, pelo pe. Francisco Rafael Fernandes no Sertão do Seridó Potiguar.

O cenário em que desabrochou o pequenino povoado, obviamente tinha a semelhança do Sertão seridoense que ainda se mostra nos dias atuais, ou seja: a vegetação de caatinga, terreno pedregulhoso, água bastante escassa apesar de estar encravada às margens do rio Seridó com vários córregos que o alimentam, sol escaldante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, etc. E tinha no retrovisor uma comprida estrada de vidas sofridas, sonhos castrados, conquistas injustas, preconceitos arraigados, conforme retrata o preâmbulo destes singelos escritos.

Com efeito, a expressão “Sertão” que o famoso dicionarista Aurélio define como sendo “Região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas”, não reflete nem

longinquamente os reais sentidos deste recorte espacial afastado das regiões litorâneas. No riquíssimo imaginário popular, Sertão se assemelha a virilidade simbolizada pelas várias figuras emblemáticas, como o vaqueiro, o lavrador, o pescador, o caçador, o cangaceiro, o feiticeiro, o profeta de chuvas, etc.

Estas figuras invadiram os grandes centros de diversas formas, principalmente através da arte nas suas mais variadas faces, como se vê, por exemplo, na música através de versos da batuta de Raimundinho do Acordeom “Vaqueiro do meu Sertão / Hoje vai ter vaquejada / Pegue perneira e gibão / Meu cavalo campeão / Pra correr na derrubada”, ou de Mastruz com Leite “Vou pedir licença pra contar a minha história / Como um vaqueiro tem suas perdas e suas glórias / Mesmo sendo forte, o coração é um menino / Que ama e chora por dentro, e segue seu destino”, ou ainda de Rita de Cássia “Quando eu partir daqui / E que Deus me perguntar / Me conte a sua vida / Eu vou te falar / A minha vida foi no campo / No Sertão no meio do gado / Nunca fui à escola / E vaqueiro fui formado”. Nas artes cênicas, especialmente o teatro, muitas são as peças que exaltam o cangaceiro, mito do Sertão – Lampião, como homem de ferro, bruto que o medo parece não ter habitado seu coração. No espectro da feitiçaria tem-se os bruxos com seus métodos de cura mágica, ou no inverso, de mal misterioso.

O profeta de chuvas é um sujeito típico do Sertão, que o sofrimento provocado pelas constantes estiagens lhe estimulou a observar sinais da natureza ao longo do segundo semestre do ano para fazer uma previsão do inverno do ano seguinte. Este costume é muito comum em todo o Sertão, e em praticamente todos os municípios encravados neste recorte espacial existem vários homens anônimos a professarem suas observações. Os sinais são os mais variados possíveis, que vão do comportamento de animais, como por exemplo, os sapos e pererecas coaxando, as formigas batendo em retirada das vargens de açudes, a posição dos ventos, a composição das nuvens no horizonte ao florescer do dia, etc. Em São Fernando muitos homens ao longo de todo tempo que vem da sua fundação aos dias atuais fizeram e fazem estas previsões. No espaço temporal que remonta o último meio século o profeta mais conhecido é o senhor Milton Félix, radicado no sítio Quixaba onde é proprietário de uma gleba de terras. Seu Milton Félix tornou-se conhecidíssimo depois que começou a participar de encontros de profetas promovidos pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região do Seridó e dar entrevistas em programas radiofônicos na cidade de Caicó.

Obviamente, as observações e as previsões dos profetas de chuvas não oferecem nenhuma garantia, mas alimentam a esperança do sertanejo e o faz resistir em seu habitat. Quando se confirma um bom inverno, garantindo acúmulo de água para dessedentar humanos e animais irracionais, e, igualmente,

alimentação para todo o ano, o sertanejo toma novo ânimo, chegando, no passado, a reforçar a decisão de se contrair matrimônio.

Esta afirmação aparentemente sem maior fundamento ganha consistência quando se leva em conta o pensamento do antropólogo Renzo Taddei, 2005, apud MAGALHÃES, 2012, em que se lê: “a *interpretação dos sinais na natureza segue princípios e procura padrões que demonstram a renovação de alimentos e a reprodução de espécies, o que prova que a previsão das chuvas e da seca é resultado de observações do ecossistema como um todo, com atenção às inter-relações e proporções entre os vários elementos*”. Dessa maneira, o trabalho dos profetas da chuva apesar de usar métodos empíricos reforça a cultura popular no sertão e é merecedor de atenção e respeito até mesmo dos cidadãos letrados, os profissionais da Meteorologia.

21

Assim se construiu o Sertão, como terra de homens e mulheres fortes, com poderes de reação a partir do imponderável, daquilo que não se vislumbra luz, e que a partir de um estalo faz brotar as maiores e mais sensacionais fortalezas, ambiciosamente copiadas pelos terráqueos de outras regiões.

Pois foi de um sertanejo com todas essas características emantadoras do Sertão que veio a ideia da fundação de uma

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

povoação, no meio do mato, sem elementos que oferecesse, em princípio, opulência, conforto, segurança, tranquilidade da própria existência, que assentado nos sobrenomes tradicionais já arraigados no recorte espacial nutrido pelo imaginário popular, que se fez a edificação.

O padre Francisco Rafael Fernandes é filho do casal Cosme Damião Fernandes e Izabel Maria de Araújo, sendo o tronco familiar mais antigo da linhagem Fernandes/Pimenta em terras do Seridó. Deste casal descende longa parentela, que Rossini Fernandes citado por BEZERRA, 2015, ao falar sobre seu avô José Josias Fernandes, “perfil de um homem público”, relacionou alguns membros dessa prole, a saber: Maria Izabel Fernandes, casada com José Apolinar; Francisco Rafael Fernandes, sacerdote; Ana Filgueira de Jesus, casada com o Major Antônio Garcia de Medeiros; Egídio Malalael Fernandes, casado com Olímpia Dantas; numa segunda linhagem: Manuel José Fernandes, casado com Cristiana Fernandes; Ananias Fernandes Pimenta, casado com Maria Senhorinha de Araújo, que, num segundo matrimônio com Vicência Bernardino de Medeiros deram origem a Izabel de Araújo Fernandes, casada com Manuel Clementino Dantas; Ezequiel de Araújo Fernandes, casado com Josefina de Araújo Nóbrega (...).

De acordo com Fernando Antônio Bezerra, em artigo publicado no site: putegi.blogspot.com, setembro de 2015, “a

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

família Fernandes/Pimenta radicada no Seridó tem sua origem nas terras do além-mar (Portugal), sendo Cosme Damião neto do português Antônio Fernandes Pimenta e de Joana Francelina do Amor Divino, que vieram se estabelecer no Brasil, inicialmente na cidade de Nossa Senhora das Neves da Paraíba, em seguida em Brejo de Areia, também no estado paraibano e, finalmente, na fazenda Riacho do Pimenta, atual Município de Campo Grande/RN. Cosme Damião Fernandes era irmão do padre Manoel José Fernandes (Visitador Fernandes) e sobrinho materno do padre Francisco de Britto Guerra”, portanto, muito influente no Sertão seridoense. Essa influência social rendeu-lhe a honra de governar o município de Caicó durante o período de 1840 a 1843, de acordo com escritos feitos por Dom Adelino Dantas, registrado por Fernando Antônio Bezerra na fonte alhures.

O povoado recém fundado no coração do Seridó potiguar, fazia parte do município de Caicó, então Vila do Príncipe. E como é sabido foi batizado com o nome de Pascoal, numa referência ao monte de mesma nomenclatura existente ao lado da capela erguida em sinal da fundação.

Peremptoriamente, o padre não escolheu um espaço do além, ou em outro modo de dizer, fora deste mundo físico, completamente desconhecido da civilidade. O espaço era conhecido dos contemporâneos do distante ano de 1872, tinha dono: seus genitores (Cosme Damião Fernandes e Izabel

Maria de Araújo) e fazia parte das terras da fazenda Limoeiro, à qual já constava como espólio de Cosme Damião Fernandes, que falecera em 03 de setembro de 1851. A propósito, Cosme Damião Fernandes nasceu em 1799 na cidade do Açu/RN. Desenvolveu uma vida muito ativa, chegando a ocupar o cargo de Major da Guarda Nacional e Prefeito de Caicó, isso do lado da vida pública. No lado da vida privada foi hábil carpinteiro, agricultor e criador, tendo falecido ainda novo, com 52 (cinquenta e dois) anos, acometido por sarampo, segundo se extrai do sítio eletrônico: <https://www.geni.com/people/Cosme-Damia%CC%83o-Fernandes>, apud Olavo de Medeiros Filho, em Velhas Famílias do Seridó.

Aspectos urbanísticos do povoado

24

A disposição das casas da época seguia o script dos modos colonizatórios do início do século XVIII no Sertão potiguar, a capela como instrumento de dominação europeia encarregada de difundir esperança da salvação e o medo do fogo do inferno, e ao seu redor algumas casas ladeando o rio Seridó que se apresentava como fonte de sobrevivência. A primeira capela erguida a mando do padre Francisco Rafael Fernandes ficava localizada no espaço onde mais tarde veio se instalar um Grupo Escolar, que a partir dos anos 80 passou a se denominar de Escola Monsenhor Walfredo Gurgel. Ainda de acordo com a tradição dominante, ao lado da capela foi erguido um cemitério para descanso eterno dos mortos.

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

Existe um ponto obscuro em torno da capela erguida a mando do padre Francisco Rafael Fernandes. E este ponto diz respeito à ruína desta capela, erguida como símbolo da fundação do povoado e em homenagem a fé da genitora do padre e dele próprio - Nossa Senhora do Patrocínio, que segundo se colhe na história do catolicismo é um título mariano pelo qual a Igreja Católica venera a Santíssima Virgem Maria. Ela é cultuada na Espanha e no Brasil, sendo o culto iniciado no ano de 1656, na Espanha.

De acordo com senso comum presente entre os nativos da povoação com idade mais avançada, dão conta de que ouviam relatos de seus genitores de que a capela caiu, sem, no entanto, motivação aparente. O fato é que a luz da razão, se a capela fora erguida em alvenaria nos moldes das edificações europeias, ela não teria ruído em tão pouco tempo de existência útil, visto que não há registro histórico na região de fenômeno natural capaz de derrubar uma edificação em alvenaria. Por outro lado, os vestígios das construções antigas no Sertão Nordestino dão conta de edificações em taipa, ou seja, uma edificação formulada com estacas, varas e/ou cipós recobertos com barro. Este tipo de material se torna mais vulnerável no tocante a sua durabilidade, pois está sujeito a ação de cupins, fogo e o próprio envelhecimento precoce do material vegetal que dá sustentação a edificação.

Atente-se para os elementos fundantes dos estilos arquitetônicos retro destacados (europeus e ameríndios). O estilo europeu trazido para o Brasil e conseqüentemente para o Sertão seridoense, tem os elementos constituintes da alvenaria (tijolo e telha de barro), que segundo BURNS, 1994, p. 43, foram desenvolvidos no Oriente Próximo pelo povo sumeriano durante o período histórico conhecido por pré-história, isto é, antes da invenção da escrita e do nascimento de Jesus Cristo. E trazidos em forma de conhecimento acerca da fabricação, inicialmente para a Europa por meio da navegação de cabotagem pelo Mar Mediterrâneo, e depois para a América já no século XVI através das incursões conhecidas por Grandes Navegações, que resultaram no descobrimento de novas terras para além do Oceano Atlântico. Na ocasião, por entenderem que estavam chegando às Índias nominaram os nativos de índios e, mais tarde, em homenagem ao navegador Américo Vespúcio que veio fazer o reconhecimento do eldorado descoberto e constatou que se tratava de uma nova terra, chamou-se de Ameríndios. De outro viés, o estilo ameríndio, que segundo AQUINO, 1990, p. 19, tem origem mongol, à medida que os Protoaméricas vieram da Mongólia e ingressaram no neo continente através do Estreito de Bering, no extremo norte americano pelo Alasca, em que seus traços arquitetônicos são reconhecidos por ocas, tipo de construção em madeira recoberta de palhas vegetais e barro, mais adiante denominada de taipa.

As origens arquitetônicas alhures presentes nos rincões seridoenses denotam inexoravelmente quão diferentes eram os mundos precedentes à fundação do povoado Pascoal, nestas pradarias seridoenses, sendo um de estilo europeu alinhado às convenções modernistas e o outro baseado na simplicidade e mal convencionalizado de atrasado, sem, contudo, essencialmente exercer influência relativa ao estágio de felicidade do ser humano.

Não se pretende aqui asseverar algo sem a comprovação material, mas por inferência lógica é possível imaginar e aceitar que a edificação da primeira capela da povoação Pascoal, que mais tarde veio a se transformar na cidade de São Fernando, ou foi construída em completo desalinhamento aos padrões arquitetônicos europeus ou foi realizada em taipa. Daí sua ruína precoce.

Com relação a construção do cemitério, palavra de origem grega *koimētérion*, transportada para o latim *cemeterium*, que significa <lugar para dormir>, conforme se encontra na Wikipédia², foi introduzido pela igreja durante o período medieval nas suas cercanias, quando não amalgamado aos templos religiosos, para sepultar os mortos, numa estratégia muito eficiente de demonstração de zelo à pessoa humana, único terráqueo possuidor de alma, espírito de luz a

² Enciclopédia livre resultado de um projeto colaborativo, universal e multilíngue estabelecido na internet.

ser elevado ao Reino do Céu. A ausência de fontes escritas acerca da edificação do cemitério ao lado da capela erguida para simbolizar a fundação do povoado, leva-nos a creditar às informações de senso comum veracidade acerca da sua existência, como sendo obviamente o primeiro cemitério da povoação, embora não se tenha informações acerca de seu desaparecimento e bem como das razões de seu deslocamento.

Tem-se, concomitantemente, notícias de outros cemitérios nos idos anos de floreiio do povoado Pascoal: um no Sítio Simpático a jusante do açude daquela propriedade, que não se observa mais vestígios; um no Sítio Bestas Bravas, numa localidade chamada de areias, construído, segundo se lê no sítio eletrônico www.saofernando.rn.gov.br, com informações da professora Simplícia Sueli Dantas, no ano de 1877 para sepultar pessoas acometidas por uma epidemia de cólera, que se encontra preservado pela comunidade, com a ajuda da Prefeitura Municipal; um ao lado da Igreja de Nossa Senhora das Dores construído com a igreja por Manoel Avelino dos Santos em 1894, e outro edificado por Bartolomeu Betezardes Gonçalves Vale, provavelmente em 1919, que atualmente fica encravado no bairro Vital Galdino e ainda encontra-se ativo. Esta dedução dá-se em função do senhor Bartolomeu Betezardes Gonçalves Vale e sua esposa Mônica Ferreira Vale terem vindo estabelecer residência no então Distrito Pascoal, onde ela, segundo registros no arquivo paroquial, colaborou para a fundação do Apostolado da

Oração em 1919. Como não foi encontrado no mesmo arquivo paroquial o registro da fundação do mencionado “Dormitório Fúnebre”, embora se saiba por informações orais que o tempo ainda não apagou, inclusive através de um simples obelisco cravado entre os túmulos, dando conta de seu fundador e de seu tempo existencial <*24/08/1874 +14/12/1934>; considerando-se a relação consuetudinária entre igreja e cemitério, assim como a relação familiar do casal Bartolomeu e Mônica com a igreja, torna-se bastante razoável aceitar como crível a intersecção do início das obras: fundação do Apostolado e fundação do Cemitério.

Com relação a construção isolada de cemitérios; e isolada no sentido de não estar próximo de uma capela, pode-se atribuir esta iniciativa como sendo uma reação nata da espécie humana de proteger a quem se quer bem, de um lado, e de outro, como são inegáveis os vestígios históricos que dão conta que a gente nativa do povoado Pascoal, ainda que remotamente, tinha contato com a igreja, visto que a primeira capela construída na ribeira do rio Seridó se deu em 1700 no Arraial do Queiquó, mais tarde transformado em Vila do Príncipe e depois em Caicó, na circunscrição onde estava encravado o povoado Pascoal, pode-se concluir que as construções seguiam uma orientação da Santa Madre Igreja para sepultar os restos mortais dos cristãos no sentido mais laico por não terem sido batizados nem crismados por uma autoridade eclesiástica, em razão das dificuldades naturais

que vão da escassez dessas autoridades aos meios de acesso à igreja, por parte da própria população.

Estórias que apontam pseudos fatos para justificar a edificação de cemitérios em comunidades isoladas, como o Cemitério das Areias, no Sítio Bestas Bravas, a exemplo da falada epidemia de cólera, data vênua, não fazem sentido por várias razões: a uma, porque estão muito aquém dos motivos precedentes para a edificação desses cemitérios, a duas, não se tem notícias de registros em órgãos oficiais ou mesmo na própria igreja em Caicó, e muito menos em São Fernando, desse genocídio por cólera, a ponto das pessoas serem enterradas em covas coletivas como se encontra registrado no sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de São Fernando, e a três, se quer existia quantidade de pessoas e muito menos densidade demográfica nas cercanias capaz de justificar o exagero mortuário apontado. Ora, está-se a falar de um tempo em que os meios de transporte eram absolutamente rudimentares, de modo que os cemitérios eram construídos para atender as populações adjacentes, e, portanto, para se enxergar alguma justificativa plausível no exagero mortuário alhures, preciso, seria, que os corpos fossem trazidos de uma área assaz extensa, impraticável face as dificuldades de deslocamentos.

As primeiras casas que se tem notícias no recém fundado povoado de Pascoal foram as que pertencem

atualmente aos familiares de Delorino Alves e Osvaldo Bernardino in memoriam; a casa paroquial e o restante das residências da Rua Major Antônio Garcia; na Rua Major José Antão, as casas de Francisco Medeiros (Chinó), que pertenceu a Bartolomeu Vale e depois a Ezequiel de Araújo Fernandes; as antigas casas que pertenceram a Valdemar Caiara in memoriam e a dos familiares de João Bernardino, também já falecido; na Rua José Frutuoso, entre o espaço que vai da Igreja Nossa Senhora das Dores até a travessa Treze de Maio; na Rua Capitão José Inácio, do trecho que vai da esquina com a Rua José Frutuoso até a esquina com a Rua Manoel Fernandes de Araújo, onde se localizava o antigo vapor, depois armazém do saudoso Elias Fernandes. Ainda remonta dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, casarões como o de Célia Santos, na atual rua Francisco Fernandes, que pertenceu a família Bezerra; o de Carrilho Maia, na atual rua Joaquim José de Araújo, que pertenceu aos familiares de Joaquim Alves; o de Manoel Alves, no horizonte ocidental da cidade, depois do riacho Pitombeira onde foi construído em 1958 o açude público atualmente denominado de Juvenal Medeiros, casarão este que se encontra somente os escombros no sítio Pascoal. A propósito, o senhor Manoel Alves foi o genitor de Valdivino Alves de Araújo, avô materno deste simples escriba.

Sobrenomes que compõem as primeiras Famílias

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

Outra questão que merece luz na história de São Fernando diz respeito justamente aos sobrenomes das criaturas que habitavam o povoado de Pascoal. Pascoal, mais tarde São Fernando, a exemplo de todo o Seridó, tem na sua proa sobrenomes tradicionais nos rincões seridoenses, como Araújo/Alves, Medeiros, Fernandes, Silva, Santos, Bezerra, Azevedo/Maia, dentre outros. Muitas das criaturas que viveram os tempos de floreiio foram devidamente homenageadas com a aposição de seus nomes nas principais ruas de São Fernando, a exemplo de: Capitão José Inácio, Major José Antão, Major Antônio Garcia de Medeiros³, Tenente Ananias, Capitão João Florêncio, José Frutuoso, Bartolomeu Vale, Joaquim José de Araújo, etc.

Aliás, esta necessidade de identificar pessoas e, principalmente, grupos familiares é algo que vem dos primórdios da humanidade. Assim, o nome tem o objetivo de identificar e dar personalidade ao indivíduo. Mas apenas o nome tipo José, Maria, Pedro, Ana, etc., com o crescimento do número de indivíduos na sociedade tornou-se insuficiente para atender seu objetivo primário, daí começaram a acrescentar dois nomes ligado por preposição, a exemplo de: Manoel de Joaquim, Francisco de Pedro, Francisca de José, etc., o que também não resolveu o problema de personificação dos indivíduos.

³ O Major Antônio Garcia de Medeiros era cunhado do Padre Francisco Rafael Fernandes fruto do casamento com Ana Filgueira de Jesus.

Com o passar do tempo e o amadurecimento da capacidade organizacional da sociedade foram inferidas mudanças na estratégia de identificação dos indivíduos, introduzindo-se na legislação as figuras do prenome e do sobrenome, sendo o prenome para individualizar a pessoa e o sobrenome para corroborar na identificação. Isso porque o sobrenome é atribuído a quantos indivíduos existirem numa mesma linhagem consanguínea. Então sendo definido um tronco genético – João dos Anzóis, o sobrenome Anzóis que vem depois do nome João indica a sua linhagem genética, e pode ser atribuído a quantos indivíduos descenderem deste tronco genético. A prática cotidiana de nomeação dos indivíduos ampliou com a colocação de mais de um sobrenome, daí ser normal a existência numa mesma pessoa com um prenome e vários sobrenomes.

Pois tendo o sobrenome uma inferência mais abrangente no sentido de identificação dos indivíduos, esta prática no Brasil, no Seridó e também em São Fernando, passou a receber um peso significativo na estratificação social, inclusive servindo para a ocupação dos melhores cargos e/ou postos de trabalho oferecidos pelas entidades privadas e estatais. É certo que a partir de 1988, a Constituição Federal trouxe em seu artigo 37 a obrigação da *“Administração Pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados do Distrito Federal e dos Municípios obedecer aos princípios de*

legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidades e eficiência” (...), afastando o peso do sobrenome na relação com a Administração Pública. Porém, para os cargos de livre nomeação e exoneração tratados como ressalva no inciso II do mesmo art. 37 da Carta Magna, com raríssimas exceções, continuam valendo o peso da cultura secular do sobrenome, principalmente nas cidades menos desenvolvidas, nas entranhas distantes deste País colossal.

Na iniciativa privada onde é possível o empregador fazer tudo quanto a lei não proíbe, a prática de amizades e arranjos marcados por sobrenomes define majoritariamente a estratificação de ocupação dos cargos e de salários.

Assim, a cultura de homenagear vultos históricos no Seridó é louvável à medida em que perpetua a imagem dessas pessoas no imaginário das futuras gerações. E aqui na terrinha não tem sido diferente do cenário regional. É importante destacar, até para apagar imagens errôneas, que as pessoas homenageadas através da destinação de seus nomes nas vias públicas eram pessoas simples, integrantes das famílias que ocuparam este recorde territorial potiguar, viviam do labor em atividades primárias através da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, com uma notória diferença dos tempos atuais, ocupavam espaços vazios, aparentemente sem dono no sentido mais restrito no tocante ao cuidado de delimita-lo com cercas e amparadas com escrituras públicas em sinal de posse.

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

Contudo, nota-se facilmente pelos sobrenomes dos vultos homenageados nas ruas em São Fernando, que todos fazem parte das famílias tradicionais na ribeira do Seridó, abençoadas pelas autoridades eclesiásticas da freguesia de Sant’Ana. E obviamente, o fato de lhes homenagearem não significa necessariamente a vontade individual dos prefeitos quando das nomeações. Essa vontade se assenta nos vestígios antropológicos que marcam a sociedade seridoense, e certamente ocorre despolitizadamente no sentido de alçar alguém a lugar de destaque. A tradição se faz tolda e irrompe motivando as vontades dos agentes políticos com assento nos Poderes Legislativo e Executivo, saindo daí a consagração material.

Modo de vida nos anos de floreio

Naqueles idos anos de floreio o modo de vida era mais singelo, sem a pressão consumista que a mídia imperialista impõe à sociedade contemporânea do século XXI. A vida, não raramente, era encaminhada para se lograr a sobrevivência, a necessidade de acumulação de propriedades e capital não figurava no imaginário coletivo, até porque nem discernimento para conhecer o poder do capital esses nativos possuíam. Viviam, portanto, labutando para sobreviver. Assim, toda família, homens e mulheres, eram prendados para as tarefas comezinhas, isto é, para as atividades de preparar a

terra para o plantio e a colheita de espécies vegetais comestíveis, além da criação e domesticação de animais, que serviam de fonte alimentícia e de logística auxiliar em seus ofícios laborais, e também de meio de transporte nos deslocamentos. Desse modo, as criaturas daqueles idos anos viviam muito mais apegadas à terra de nascimento, nutrindo, por conseguinte, maior sentimento nativista.

Se os meios de transporte eram escassos, os deslocamentos eram obviamente dolorosos, e a consequência natural dessa pouca mobilidade espacial das pessoas era o estabelecimento de relacionamentos interpessoais e familiares na própria parentela. Assim, não é à toa que em São Fernando desde os primeiros anos tenha sua base genealógica assaz apertada do ponto de vista consanguíneo, conforme se verifica a partir da análise dos sobrenomes. Alguns indivíduos que fugiam deste modo de vida, isto é, de estabelecimento perene ao lugar de nascimento, eram conseqüentemente visionárias em busca do novo. O pe. Francisco Rafael Fernandes e seus tios também padres, Manoel José Fernandes e Francisco de Britto Guerra, são alguns desses exemplos que deram importantes contribuições ao desenvolvimento do Seridó.

Motivos que levaram ao pe. Francisco Rafael Fernandes a fundar um lugarejo

Os reais motivos que levaram o pe. Francisco Rafael Fernandes a erguer uma capela em sinal de fundação de um

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

povoado não se sabe, porque não se conhece escritos da época relatando-os. Porém, por analogia, tendo a referida autoridade eclesiástica adquirido a titulação de padre em 1848 no Recife, e vindo assumir o sacerdócio na Vila do Príncipe, mais tarde transformada na cidade de Caicó, com atuação na ribeira do Seridó; notoriamente, uma terra em que as pessoas na sua quase totalidade eram analfabetas, o jovem padre com formação acadêmica em Teologia e Filosofia, conforme prática da Igreja Católica Apostólica Romana, era um visionário das coisas mundanas e uma onipotência para falar e decidir sobre questões religiosas. Então não é difícil concluir que sua nobre iniciativa foi marcada de uma conotação muito mais política que propriamente religiosa, como o tema é tratado por outros textos históricos.

37

É digno de registro o que nos ensina o Historiador SANTOS, José Ozildo dos.; através de postagem no site: www.construindoahistoria.com, 2010, sobre o padre Francisco Rafael Fernandes, in verbis:

“Nasceu na Fazenda Cavalcanti, município da antiga Vila do Príncipe, Francisco Rafael Fernandes. Ordenado padre em finais de 1848, iniciou suas atividades sacerdotais na Vila do Príncipe, tornando-se auxiliar do Padre Manoel José Fernandes (de quem era sobrinho, pelo lado paterno). Em 1858,

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

com a morte do tio, ascendeu a condição de vigário da referida freguesia, funções que desempenhou até 1868. Sacerdote modelar e orador sacro talentoso, abraçou o magistério e tornou-se professor público (1866-1895), tendo exercido suas funções em Caicó e no povoado de São João do Príncipe, atual cidade de São João do Sabugi. Em 1872, erigiu uma pequena capela, dedicada à Nossa Senhora do Patrocínio, em terras da fazenda de seus pais, dando início a um povoado que recebeu inicialmente o nome de Pascoal, numa referência a um monte com essa denominação, localizado nas redondezas. Anos mais tarde, o referido sacerdote fixou residência naquela pequena localidade, ali fundou uma feira, delineou suas ruas, tornando-a uma próspera povoação, da qual, foi seu primeiro capelão, designando-a São Fernando, hoje, município autônomo – desmembrado de Caicó, através da Lei Estadual n.º 2.333, de 31 de dezembro de 1958 – que ainda conserva a antiga denominação. O Padre Francisco Rafael Fernandes faleceu no dia 8 de outubro de

1908, aos 83 anos de idade, na cidade de Caicó”.

A ideia de homem desbravador se torna saliente quando em desentendimento com alguns populares do povoado Pascoal, segundo conhecimento de senso comum, Francisco Rafael Fernandes foi embora e ao passar o rio Seridó retirou os chinelos de sola, certamente, em razão da época, bateu-as uma na outra e pronunciou a frase imperativa: *Fica-te Pascoal/São Fernando das raposas*. Num retumbante desprezo ao povoado e, principalmente, as pessoas da pequenina comunidade.

Para a História, Francisco Rafael Fernandes é de fato e de direito o fundador de um lugar no Seridó e, por conseguinte, um dos poucos homens a desfrutar do privilégio histórico de ter registrado seu honrado nome como visionário, capaz de colocar luz nas trevas da ignorância sertaneja de outrora, num determinado recorte espacial potiguar.

De acordo com as crendices dos idosos, ainda há quem entenda aquela fatídica frase como sentença amaldiçoadora que tenha por muitos anos impedido o progresso do povoado, que somente em 1958, oitenta e seis anos depois da fundação, passou a categoria de município.

Não obstante a informação prestada por SANTOS, 2010, mesmo depois de três quartéis de século, o recém emancipado município de São Fernando não ostentava opulência que garantisse o progresso, com um desenvolvimento contínuo, sereno e capaz de edificar por seus meios a infraestrutura necessária a geração de bem-estar a todos os munícipes. São Fernando ao ser elevado à categoria de município contava com pouco mais de quatro dezenas de casas e um povo desletrado, resumido a uma inexpressiva parcela de alfabetizados. Isso não significa demérito para a população sãofernandense, pois esta prática brasileira perdurou em banda larga a, pelo menos, até os longínquos anos 1950, e quiçá durante o último quartel do século XX.

Um povo desletrado não significava desprovido de sonhos. E foi justamente a capacidade de sonhar que encorajou a população a lutar pela emancipação política, pois o município de Caicó não dispensava a mínima atenção a população do então Distrito de Paz, e muito menos os investimentos necessários ao seu progresso. Todos, absolutamente, todos os sertanejos do Distrito de Paz Pascoal viviam a sina da própria sorte, morrendo de velhice aos trinta anos e de fome um pouco a cada dia, como muito bem retratou a situação da população que habitava no cimo da serra da Costela, no limite entre a Paraíba e Pernambuco, o escritor João Cabral de Melo Neto, em “Morte e Vida Severina”. O sonho, a esperança com base no verbo esperar fez brotar a

coragem de homens semianalfabetos, analfabetos e desconhecidos das autoridades constituídas com assento na Assembleia Legislativa e no governo do Estado, a discorrerem abertamente sobre a emancipação política, tendo tomado a frente deste movimento os senhores Juvenal Medeiros – professor primário responsável pela alfabetização dos poucos que tinham condições de frequentar a escola, e José Josias Fernandes, então empregado em atividades do comércio na cidade de Caicó, com o compromisso de levarem este justo postulado a Assembleia Legislativa. O deputado escolhido para apresentar a proposição naquela Casa Legislativa foi Manoel Torres de Araújo, por ser da terra. O projeto de lei aprovado pelo Poder Legislativo; o receio era de que o governador vetasse a matéria em função da iniciativa constar a lavra de um parlamentar de oposição, e aí Juvenal Medeiros valendo-se da amizade que tinha ao governador fez-lhe um apelo, que, de plano, acatou a matéria, transformando-a na Lei Estadual n.º 2.333, de 31 de dezembro de 1958.

41

Com o sonho inicial da emancipação alcançado, o que mudou na prática na vida das pessoas? Pois é, boa pergunta. De imediato o poder foi constituído no recém-criado município, com a nomeação do senhor Juvenal Medeiros como prefeito provisório até que fosse realizada a primeira eleição, fato acontecido em 04 de outubro de 1959. Na ocasião foram eleitos prefeito e vice-prefeito os senhores José Josias Fernandes e Elias Fernandes. Com isso, o município passou a

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

ter um prefeito constitucional, isto é, eleito pelo povo segundo as regras definidas na legislação eleitoral então em vigor. A propósito, à época o analfabeto ainda não tinha o direito de votar, de modo que a quantidade de pessoas que ficou alijada desse processo base da democracia foi grande, visto que os níveis de analfabetismo eram assaz elevados, mesmo já estando em vigor a ideia da escola universal oferecida pelo Estado, introduzida pela reforma de Anísio Teixeira na primeira metade da década de 1930. E em São Fernando já tinha uma escola pública que funcionava no Grupo Escolar, inclusive no local onde fora erguida a capela que deu origem a povoação Pascoal. Porém, dadas as condições de vida da população, que não tendo outros meios de sobrevivência e inexistindo programas governamentais assistenciais, seja com a distribuição de alimentos, e muito menos com benefícios pecúlios da Previdência ou da Seguridade Social, as pessoas eram obrigadas a trabalhar nas atividades primárias desde criança até morrer, e, naturalmente, não tinham tempo de frequentar a escola, e outras situações não raras, não tinham condições financeiras de custearem as despesas demandadas da escola, que apesar de públicas não ofereciam materiais escolares, tipo cadernos e lápis, livros, fardamento, etc. Muitas famílias não tinham condições de bancar estas despesas, e seus filhos não frequentavam a escola. A vida destas famílias era, portanto, uma luta hercúlea pela sobrevivência, arando a terra semiárida nas chãs de serras, com solo lítico, sob o sol escaldante os trezentos e sessenta e

cinco dias do ano. Não tinha condição, não havia estímulo, a cultura não ajudava, o povo via a escola como um mundo distante de sua realidade, que não era capaz de oferecer respostas plausíveis para seus problemas primários, isto é, da própria sobrevivência. Daí não existir esforço algum nas camadas sociais menos abastardas para colocar seus rebentos (filhos) na escola. E o resultado desta cultura tupiniquim, cabocla, jeca, etc., presente na extensa zona rural em São Fernando era a manutenção de legiões de analfabetos na língua culta, porém doutores na escola da vida, que conseguia sobreviver num espaço relativamente sombrio, com dificuldades naturais e nenhuma ou quase nenhuma atenção governamental.

Aliás, foi esta falta de atenção governamental que alimentou o sonho da emancipação. Caicó tinha uma circunscrição territorial grande demais, com poucos recursos para olhar e investir nas comunidades rurais; daí seu abandono administrativo, onde se perpetravam os manicômios de sofrimento.

Com a emancipação política e conseqüentemente a diminuição do espaço político administrativo aos poucos estas comunidades mais distantes começaram a ser assistidas com estradas carroçáveis capazes de permitir o tráfego dos primeiros carros (caminhões com carroceria aberta) que apanhavam as criaturas rurícolas para irem a feira em Caicó.

José Josias Fernandes mandou erguer um prédio público com o objetivo de funcionar um mercado e implantou uma feira, onde geralmente eram vendidos produtos produzidos na própria terra, feijão, arroz, farinha, rapadura, batata, etc., além de alguns condimentos tipo filós, cocada, bolos, tapioca, (...). Depois, já nos anos de 1970, bancas com frutas: bananas, laranjas, abacaxi, melancia, coco verde, coco seco, manga, pinha, umbu, fruto do umbuzeiro, símbolo da resistência sertaneja, constituíam um cardápio de ofertas às pessoas citadinas que compareciam aquele local a fim de fazerem compras. Esta feira no mercado público continuou até meados dos anos de 1980, quando a atividade comercial se diversificou através da abertura de vários estabelecimentos comerciais chamados de bodegas nas zonas urbana e rural. Registre-se na zona urbana as bodegas de Abemor Fernandes, de Valdemar Caiara, Elias Fernandes, Vital Galdino, Juvenal Medeiros, Zé Norberto, etc. Na zona rural também existiam várias: Francisco Clementino (Marcação), Julião Lourenço (Boa Vista), Dedé Quincó (Ramada), Liu (São Jerônimo), dentre outros.

A expansão da Rede Municipal de Ensino

A partir dos anos de 1960, com maior intensidade nos anos de 1970 e 1980, os prefeitos ergueram várias escolas municipais na zona rural: Limoeiro, Pai Luiz, Marcação, Serrote, Boa Vista, Ramada, Bestas Bravas, São Jerônimo,

São Gonçalo, Garcia, Santa Clara, Malhada, Pitombeira, Logradouro, Umarizeiro, Coelho, Alto do Meio, Serrote Branco e Baixa Verde. De todas elas, as da Marcação, Boa Vista, Malhada, Santa Bárbara e Baixa Verde eram escolas estaduais que funcionavam em parceria com o município. Também neste áureo período político-administrativo dos anos de 1970 a 1980; aliás, um período de convergência política com eleições consensuais, ergueram-se alguns postos de saúde na zona rural, a saber: Boa Vista e São Jerônimo.

Com a expansão da rede pública de ensino e a conseqüente ampliação na oferta de matrículas, mais pessoas começaram a frequentar a escola, que utilizava como método de ensino a estratégia remanescente da reforma de Anísio Teixeira, baseada na perspectiva de formar cidadãos, com base na ordem e no respeito. Lembrando que neste período em que se vivia sob os estertores das sirenes militares, as escolas eram verdadeiros centros de adestramento humano em ambientes de imposições de conteúdos e procedimentos de conduta.

A qualidade do ensino era muito relativa, pois não era disponibilizado condições pedagógicas adequada para o ensino, muito menos os professores eram minimamente qualificados para tal. Não raramente os docentes eram selecionados tendo como critério o viés político partidário e, principalmente, o peso do sobrenome, muito forte no Sertão seridoense e resolutivo no infante município.

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

Apesar destes aspectos negativos, não há como desconhecer a importância da expansão escolar em São Fernando no período pós emancipação já deveras destacado alhures. Até porque o retrovisor deste período se assemelhava a uma caverna escura, que pela vontade e ação da sociedade sãofernandense através de seus legítimos representantes ganhou um fecho de luz na forma de ensino.

Com a luz do saber, muito embora perfunctória, a sociedade ascendeu de um estágio de cegueira absoluta em que a força bruta era o único instrumento de que disponha para resolver seus problemas, para um cenário de maior capacidade de aproveitamento de oportunidades, com a possibilidade de formulações abstratas e convincentes no sentido de se obter resultados positivos em situações problemas que antes eram inimagináveis. Essa conquista, principalmente na faixa rural, não se deu sem resistência como se havia de esperar. As tradições culturais assentadas em fundamentos conservadores não permitiam recepcionar a boa nova em detrimento do afastamento de horas do labor na roça ou na lida de gado. No ambiente citadino esta resistência foi menor, graças a convivência mais próxima com pessoas que já exerciam outras atividades fora do espectro primário, e, portanto, com uma visão de mundo mais receptiva à boa nova.

PARTE II

A IGREJA COMO VETOR DA EVOLUÇÃO SOCIAL

A Igreja Católica Apostólica Romana tem como pilares de sustentação duas doutrinas: a espiritual que se pratica por meio da fé, e a social que se concretiza por meio do desenvolvimento de boas ações sociais na organização da sociedade, no sentido de desenvolver práticas de convivência mais humanizadas, com a diminuição das desigualdades entre os indivíduos, o combate às injustiças nas relações intra indivíduos e entre o Estado e os indivíduos.

A primeira doutrina da igreja, ou seja, a espiritual, não é objeto de estudo, tampouco de dissertação nesta simples obra. A segunda, sim. É objeto de estudo e se baseia na compreensão e dissecação das consequências da doutrina social para o desenvolvimento da vida em sociedade aqui em São Fernando. E para isso se estende a base de observação e estudos a campos largos, de modo a confluir para uma substancialidade segura, digna de credibilidade.

47

A importância da Igreja florescer de São Fernando

A Igreja Católica Apostólica Romana foi criada no ano 1 (um) com o nascimento de Jesus Cristo e o consequente florescimento do cristianismo. Em princípio, a Igreja ocupou-se em estar junto do povo, especialmente aqueles indivíduos

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

mais carentes (leprosos, cegos, famintos, etc.), conforme se extrai da Bíblia Sagrada na parte dos Evangelhos, tais como Jesus curou dez leprosos (Lucas, 17.11-19), Jesus curou dois cegos (Mateus, 9.27-31), Jesus alimentou pessoas famintas (Mateus, 15.32-38), ao tempo em que estimulava a ascensão ao Reino do Céu por meio da fé.

Por sinal, se depreende da Bíblia Sagrada que Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, veio à terra para demonstrar a predileção da Igreja pelos mais fracos a julgar pelo elenco de milagres registrados nos Evangelhos, a saber:

1. Transformou água em vinho — João 2.1-11
2. Curou o filho dum funcionário público — João 4.46-54
3. Curou um paralítico no poço — João 5.1-9
4. Curou um cego de nascimento — João 9.1-41
5. Alimentou 5.000 pessoas com 5 pães e 2 peixes — João 6.5-13
6. Pegou altas ondas sem prancha e sem se molhar! — João 6.19-21
7. Ressuscitou Lázaro da morte — João 11.1-44
8. Pescou 153 grandes peixes sem se molhar! — João 21.1-11
9. Expulsou um homem dominado por demônio — Lucas 4.33-35
10. Curou a sogra de Pedro — Lucas 4.38-39
11. Pescou peixes que enchiam dois barcos — Lucas 5.1-11
12. Curou um leproso — Lucas 5.12-13

13. Curou um paralítico descido pelo telhado — Lucas 5.17-25
14. Curou o homem de mão aleijada — Lucas 6.6-10
15. Curou o empregado de um oficial romano — Lucas 7.1-10
16. Ressuscitou o filho da viúva — Lucas 7.11-15
17. Acalmou uma tempestade — Lucas 8.22-25
18. Curou o homem dominado por legião de demônios — Lucas 8.27-35
19. Curou a filha de Jairo — Lucas 8.41-56
20. Curou a mulher com hemorragia
21. Curou um menino endemoninhado — Lucas 9.38-43
22. Expulso um demônio de mudez — Lucas 11.14
23. Curou a moça torta de 18 anos — Lucas 13.11-13
24. Curou o homem com as pernas e braços inchados — Lucas 14.1-6
25. Curou 10 leprosos — Lucas 17.11-19
26. Curou um mendigo cego — Lucas 18.35-43
27. Previu a negação de Pedro — Lucas 22.31-34
28. Sarou a orelha cortada do empregado do Sumo Sacerdote — Lucas 22.50-51
29. Curou dois cegos — Mateus 9.27-31
30. Tirou uma moeda da boca dum peixe — Mateus 17.24-27
31. Curou a filha endemoninhada da mulher cananea — Mateus 15.21-28

32. Alimentou 4.000 pessoas com 7 pães e alguns peixes — Mateus 15.32-38
33. Secou uma figueira infrutífera — Mateus 21.18-22
34. Curou um surdo-mudo — Marcos 7.31-37
35. Curou outro cego — Marcos 8.22-26, relação extraída no Blog do Tim Carriker no seguinte endereço eletrônico: <http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/2007/todos-milagres-do-novo-testamento>.

Neste contexto existencial, por meio de ações palpáveis aqui chamados de milagres, a Igreja fundou sua estratégia de permanência com base numa pedagogia de escrituração através da palavra assentada na Bíblia Sagrada, principal documento de sustentação da instituição religiosa.

50

A opção pela palavra escrita, que segundo MEDEIROS; ARAÚJO apud site: sbhe.org.br, A Pedagogia Cultural da Igreja Católica para Caicó – RN e a Festa de Sant’Ana, Século XVIII – UFRN, afigura-se como “*veículo partícipe e símbolo de instauração da modernidade, e pode evocar um efeito da própria modernidade cultural já imprescindível no século XVI, no contexto das viagens ultramarinas, das reformas religiosas, da secularização das artes e das ciências, das relações de mercados, dentre outras*” (...); obviamente, como tudo que persiste e tem longevidade carece de reformas, foi justamente no século XVI que aconteceram os movimentos reformistas historicamente conhecidos por Reforma

“*Vestígios que nos conduzem à atualidade*”

Protestante – 1517 liderada por Martinho Lutero, simbolizada pela publicação de suas 95 (noventa e cinco) teses, e Contra Reforma – 1545 organizada pela Igreja Católica em oposição à Reforma Protestante, à qual usou o instrumento da convocação do Concílio de Trento⁴ na cidade italiana de Trento, estabelecendo entre outras medidas, a retomada do Tribunal do Santo Ofício⁵, a criação do Index Librorum Prohibitorum⁶ e o incentivo à catequese dos povos do Novo Mundo, com a criação de novas ordens religiosas, dentre elas a Companhia de Jesus⁷, para reforçar a supremacia da Igreja sobre os povos, não somente daquele curso temporal, mas porvir habitar este espaço mundano que hoje nos oferece guarida e meios de sobrevivência, ainda que efêmera.

Nota-se que a Igreja durante o movimento de Contra Reforma adotou instrumentos para conduzir a ensinamentos inquebráveis, seja através do tribunal de inquisição com o inegável fogo purgatório impondo medo, a proibição de acesso a determinados livros, mantendo a população numa ignorância estonteante e na doutrinação imposta pelos jesuítas a populações em estágios pré civilizatório, geralmente politeístas.

⁴ Reunião convocada pelo papa Paulo III para discutir e assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica.

⁵ O Santo Ofício, a rigor, foi a instituição do Tribunal de Inquisição no qual Igreja julgava os hereges, não raramente condenando-os a morte por meio da fogueira.

⁶ O Index Librorum Prohibitorum, em tradução livre significa Índice dos Livros Proibidos (especialmente as 95 teses), foi uma lista de publicações proibidas pela Igreja Católica.

⁷ Congregação criada por bula papal com o objetivo de organizar missões sob o comando de jesuítas para empreender atividades missionárias, especialmente em regiões ermas.

Pois bem, é irrefutável que as estratégias adotadas pela Igreja Católica para manter sua supremacia terrena e, sobretudo, para manter-se como canal que leva a salvação por meio da fé, em princípio, e depois pela fé e pelas boas ações, serviram de instrumentos de adestramento, polimento, harmonização da pessoa humana enquanto indivíduo da natureza, conduzindo-o ao estágio mais elevado conhecido por elemento social, capaz de conviver com outrem de forma adensada num determinado espaço, ainda que nutram objetivos individuais discrepantes. Esta é, sem sombra de dúvida, a extraordinária contribuição que Igreja desde os primórdios oferece à humanidade.

Atuação da Igreja em nível de Brasil

No transcorrer de sua história aqui no Brasil em face das situações de injustiças praticadas pelo Estado, especialmente para contextualizar do ponto de vista geográfico, a Igreja Católica motivada pelo viés existencial da pessoa humana enquanto alimento justificador de sua atuação terrena, passou a exercer um papel de protagonismo na defesa da justiça social. E para tal usou como estratégia a criação de alguns organismos de luta. Um dos primeiros organismos instituídos foi o movimento intitulado de Comunidades Eclesiais de Base pelo qual a Igreja passa a estender um olhar político social em defesa dos direitos dos brasileiros que os

governos e, em especial, os militares no período que via de 1964 a 1985, usurpavam.

O movimento de Comunidades Eclesiais de Base, a rigor, foi criado e desenvolvido pela ala mais progressista da Igreja, principalmente sob as lideranças dos cardeais Dom Paulo Evaristo Arns em São Paulo/SP e Dom Hélder Pessoa Câmara em Recife/PE, e conseguiu às custas de muito sofrimento amainar a ação persecutória do Estado Militar, estabelecendo um ambiente sociável mais digerível. Todavia, essa ala progressista passou a sofrer com um contra movimento da própria Igreja, onde uma ala neoconservadora empenhada em defender a instituição religiosa em si, abandonou as questões extramuros, considerando o pecado individual e não social, com isso enfraquecendo sobremaneira o papel das Conferências Episcopais, não somente no Brasil, mais em toda a América Latina.

53

O movimento neoconservador se deu sob o papado de João Paulo II, “*que fortaleceu seu papel político em detrimento do colégio universal dos bispos*”, conforme Paulo César Cedran em artigo publicado no sítio eletrônico: periodicos.uem.br, transferindo todo o poder decisório para Roma e, conseqüentemente, enfraquecendo o movimento progressista capitaneado pelos bispos e cardeais.

“*Vestígios que nos conduzem à atualidade*”

O fato é que inobstante o surgimento no neoconservadorismo, a ala progressista contribuiu sobremaneira para o repensar da Igreja, e daí vários organismos foram sendo instituídos a exemplo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que se reúne periodicamente para debater problemas relacionados com a Igreja e, máxime, sobre temas de cunho social. Aliás, foi a partir desse organismo que surgiu a estratégia das “Campanhas da Fraternidade” em que é eleito um tema de cunho social e durante todo o período da quaresma o clero inteiro discute com as comunidades leigas a problemática, forçando a Igreja inteirar-se com a realidade político social e conseqüentemente estimulando aos cidadãos carentes e sem luz a desenvolverem uma espécie de conscientização coletiva.

A chamada consciência coletiva é, sem sombra de dúvidas, uma contribuição que a Igreja Cristã, considerado aí o ecumenismo, oferece aos cidadãos com vista a conquista de seus direitos sociais e políticos.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, segundo se extrai do sítio https://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%AAncia_Nacional_dos_Bispos_do_Brasil, foi fundada em 14 de outubro de 1952 e teve como presidentes os seguintes cardeais: Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Cardeal Motta – 1952-1958, Dom Jaime de Barros Cardeal Câmara – 1958-1964, Dom Agnelo Cardeal Rossi – 1964-1971, Dom Aloísio

Cardeal Lorscheider – 1971-1979, Dom José Ivo Lorscheider – 1971-1987, Dom Luciano Mendes de Almeida – 1987-1995, Dom Lucas Cardeal Moreira Neves – 1995-1998, Dom Jayme Henrique Chemello – 1998-2003, Dom Geraldo Majella Cardeal Agnelo – 2003-2007, Dom Geraldo Lyrio Rocha – 2007-2011, Dom Raymundo Cardeal Damasceno Assis – 2011-2015, Dom Sérgio Cardeal da Rocha – 2015-2019 e atualmente Dom Walmor Oliveira de Azevedo – 2019.

A Igreja Católica no Rio Grande do Norte

A presença da Igreja Católica no Rio Grande do Norte se confunde com a do Brasil, sendo inicialmente conduzida pelos padres jesuítas Francisco Lemos, Gaspar de Samperes e Francisco Pinto. Foram esses padres quem primeiro tiveram contatos com os índios potiguar com a missão de catequizá-los.

Além da ação evangelizadora dos padres jesuítas no período histórico colonial, que contribuiu sobremaneira para os processos de pacificação com os índios e colonização das terras potiguar, um fato lamentável se deu por ocasião da ocupação holandesa no Rio Grande do Norte em 1645, quando grupos evangélicos calvinistas chefiados por Jacó Rabi, em conluio com os índios aborígenes praticaram os terríveis massacres de Cunhaú e Uruaçu, sob o comando dos padres André Soveral, Ambrósio Francisco Ferro e o leigo Mateus

Moreira. Os martírios foram tardiamente reconhecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, com a beatificação de 30 (trinta) mártires em 05 de março de 2000 pelo Papa João Paulo II, e santificados pelo Papa Francisco, no Vaticano, em Roma, como os protomártires do Brasil, em 15 de outubro de 2017, marcando definitivamente a história da Igreja Católica no Brasil, com a santificação de uma só vez, de trinta santos, sendo 28 (vinte e oito) em Uruaçu e 2 (dois) em Cunhaú.

Inobstante essa singular historiografia da Igreja no Rio Grande do Norte, esta importante instituição religiosa jamais se furtou da sua missão de difundir a fé cristã e de contribuir nos processos de defesa dos direitos sociais e políticos do povo potiguar. Ressalte-se que foi a partir dos movimentos JCM (Juventude Católica Masculina) e JCF (Juventude Católica Feminina), que dois jovens sacerdotes (Nivaldo Monte e Eugênio de Araújo Sales), a partir da década de 50, desenvolveram (...)

“um trabalho de assistência social que foi sendo aprofundado ao longo do tempo inspirando posteriormente o que se denominou de Movimento de Natal. Vendo a realidade social de extrema pobreza que assolava grande parcela da população potiguar, os padres: Eugênio Sales, Expedito Medeiros, Nivaldo Monte, Alair Vilar, Manuel Tavares e

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

Pedro Moura começaram a organizar reuniões para traçar estratégias e planejar ações para a promoção humana. Desse grupo surgiram muitas ideias que se propagaram pelo Brasil e pelo mundo. Esse conjunto de ações ficou conhecido como Movimento de Natal. Dentre os muitos frutos dessa experiência destacam-se o SAR (Serviço de Assistência Rural), as Escolas Radiofônicas, a Rádio Rural de Natal, a Escola de Serviço Social e a Campanha da Fraternidade. Os trabalhos do Movimento de Natal, se intensificaram quando o Pe. Eugênio Sales foi eleito Bispo Auxiliar de Natal, no ano de 1954. Com a atuação marcante de Dom Eugênio junto a CNBB aconteceu, em Natal, o II Encontro dos Bispos do Nordeste, de 24 a 26 de maio de 1959, com a presença do então Presidente da República, Juscelino Kubitshek. Foi durante esse encontro em Natal que foram gestadas ideias da SUDENE”, in História da Arquidiocese de Natal, colhida no sítio eletrônico: <http://arquidiocesedenatal.org.br/especialis/historia>.

A Igreja Católica em Caicó

No Seridó capitaneado por Caicó a atuação da doutrina social da igreja não fugiu ao paradigma do Brasil e do Rio Grande do Norte, orientado por Natal. Tão logo foi sedimentado a estrutura organizacional da igreja, com a nomeação do primeiro bispo Dom José de Medeiros Delgado, a atuação se deu em dois campos distintos: a orientação religiosa através da estratégia de massificação da fé e das ações sociais através da organização da sociedade em grupos classistas. A parte de orientação religiosa não nos interessa o aprofundamento, posto que os resultados não são mensuráveis, no tocante a identificação com precisão de quem poderia ser mais ou menos crente. Com relação a outra parte, isto é, da organização social, o foco é justamente o aprofundamento das pesquisas com o intuito de medir o quão foi útil a atuação da igreja para o desenvolvimento da sociedade seridoense e, por conseguinte, sãofernandense.

Frise-se que a catequização foi usada como estratégia de persuasão do indivíduo bruto sem alfabetização, sem conhecimento da doutrina cristã, sem orientação formal nenhuma para inseri-lo num ambiente de convivência coletiva. Para isto a igreja utilizou-se de dois canais basilares: a implantação de uma escola formal subordinada diretamente a igreja, com a missão de oferecer luz a juventude seridoense,

especialmente aos varões, com a fundação do Colégio Diocesano Seridoense em 1942, pelo primeiro bispo da diocese de Caicó - Dom José de Medeiros Delgado, e a fundação de uma emissora de rádio difusão vinculada ao sistema rural de rádios em 1963 pelo terceiro bispo - Dom Manoel Tavares de Araújo, para levar mais adiante o aprofundamento da catequização, a difusão do conhecimento e o oferecimento de entretenimento e cultura regional.

A atuação da Igreja Católica em São Fernando

Consoante as informações que dão conta da fundação do povoado Pascoal pelo pe. Francisco Rafael Fernandes, a Igreja Católica Apostólica Romana se faz presente na História de São Fernando desde seu alvorecer. No aspecto religioso, a capela representava o símbolo mais esplêndido de poder de dominação humana, naturalmente com suas infalíveis bandeiras da esperança e do medo. A esperança em obter a salvação com a morada no reino de Deus, numa vida eterna e sem sofrimento, atraía a todos com o espírito tomado pelo sentimento de mansidão, recepção e até subserviência. A do medo através da inquietação e da angústia relativa ao castigo por algo de errado e/ou alguma desobediência no caminho da vida, levava senhoras e suas crias a dobrarem os joelhos diante de oratórios repletos de imagens de santos em súplicas infundáveis pela remissão de pecados. No campo mundano, a

igreja acertadamente cuidou de oferecer a luz a quem mesmo enxergando imagens, não sabia decifra-las pela ausência de técnica cognitiva, e tratou de empenhar-se na formulação de currículos escolares, inclusive de instalar uma escola formal na própria Casa Paroquial onde o padre e fundador do lugarejo acomodava-se em suas estadias no lugar durante os anos seguintes à fundação.

Os sãofernandenses, a exemplo da população seridoense, receberam uma educação baseada em costumes muito rígidos, orientados pela Igreja Católica Apostólica Romana. Aliás, a Igreja Católica veio para o Brasil a partir do início da exploração colonizadora com Pedro Álvares Cabral e intensificou seu domínio com a implantação do Sistema de Governador Geral em 1534. Doravante, a pretexto de transmitir ensinamentos aos povos nativos, a Igreja organizou missões de padres jesuítas com poderes de subjugar aqueles indivíduos que oferecesse resistência a doutrinação não somente da prática religiosa, mas também de bons modos e costumes praticados no além-mar. Três séculos posteriores ao início dos trabalhos dos padres jesuítas, obviamente a Igreja Católica exercia um poder absoluto sobre a população, até porque ela atuava amalgamada ao Estado como estratégia de dominação, pois a quantidade de padres era pequena e os meios de transporte muito arcaicos, quando raramente, nos idos anos do século XIX, alguém recebia a visita de um padre, ele viajava a cavalo numa freguesia imensa.

A propósito, o termo freguesia era usado para demarcar a circunscrição de uma área pastoral, onde a população, ainda que alguém soubesse ler, não tinha autorização para interpretar a bíblia; de modo que não existia a prática de reflexão sobre os textos sagrados. O que se aprendia e repetia-se nos rincões brasilienses era baseada na memorização do que um sacerdote orientara. Nesta perspectiva e considerando o baixo nível de escolarização da população nos anos do século XIX, a população fora educada para receber ensinamentos de forma passiva, jamais na condição de agente construtor do saber.

Esta estratégia de dominação da Igreja Católica sempre se houve muito eficiente mesmo depois da sua separação do Estado, com a edificação de Estado laico seguindo a influência do movimento iluminista que se deu na Europa e resultou na Revolução Francesa com seus ideais de liberdade e igualdade, quando na sua primeira Constituição Republicana de 1891, ficou estabelecida a independência da administração pública em relação a qualquer religião ou credo. Isso porque o sentimento de subjugação da população em relação a Igreja era latente; até porque o Estado não se apresentava como fornecedor de segurança à população, ao contrário da Igreja que de forma secular acostumara o povo a buscar a segurança de que precisava através dos desígnios do divino.

No Sertão seridoense com a edificação da capela do Arraial do Queiquó por volta de 1700, se repetia a estratégia dominante. A partir da capela, uma povoação despontava sedenta de aprendizado e, sobretudo, ávida da graça de alcançar o Reino do Céu, conforme professava a santa madre igreja. E a partir daí toda a orientação religiosa, educativa, social, cultural, etc., partia da igreja sem nenhuma reflexão contestatória. Neste sentido (ARAÚJO, 2003), afirma: *“No século XVIII, em Caicó e no Seridó, à luz da Pedagogia Cultural da Igreja Católica, os ensinamentos das crenças religiosas, dos hábitos de obediência, da civilidade cristã e da sensibilidade estética para os gestos cotidianos eram regulados pelo controle pedagógico da leitura escolar e não escolar, visando à preservação das tradições culturais daqueles que chegaram depois dos gentios”*.

62

Em São Fernando, depois que a capela erguida a mando do padre Francisco Rafael Fernandes em 1872, cedeu lugar para a instalação de uma escola, não por ação intencional direta do padre ou da população, mas em função do estado de ruína que tomou conta da capela, duas outras capelas/igrejas foram construídas: uma em louvor a Nossa Senhora das Dores, em 1894, com seu altar defronte para o Sul, e a outra em veneração a Nossa Senhora do Patrocínio, em 1938, com sua porta frontal voltada para o Oeste.

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

A edificação dessas duas capelas numa distância inferior a cem metros lineares uma da outra, evidencia o quão a Igreja Católica Apostólica Romana exercia domínio sobre a população sãofernandense. Era como se cada família influente quisesse erguer uma casa de segurança para ficar a seu dispor. Embora a presença de padres fosse rara nesses templos, em 1919 foi criado o Apostolado da Oração pelo pe. Celso Cicco e cuja primeira presidenta foi a senhora Mônica Vale, contando com a participação das esposas dos senhores mais influentes na pequenina cidade, com as premissas de rezarem em conjunto, ensinarem a rezar, participarem das atividades da igreja, principalmente arrecadando bens que garantissem a manutenção da Casa Santa e do próprio padre.

Embora separada do Estado é inegável a presença da Igreja no processo de formação da sociedade sãofernandense. Esta presença se faz visível nos mais variados setores da sociedade, seja na educação formal, com os sacerdotes participando direta ou indiretamente do processo de planejamento e até mesmo de forma mais concreta, ministrando aulas, a exemplo do padre José Mário de Medeiros que lecionou a disciplina Língua Inglesa no antigo ginásial entre a segunda metade da década de 1970 e primeira da década seguinte; seja na orientação social com a massiva participação no processo de formação familiar no que tange aos comportamentos individual e coletivo; seja oferecendo lazer através de quermesses das duas igrejas “Nossa Senhora

das Dores” e “Nossa Senhora do Patrocínio”, seja na organização urbanística uma vez que proprietária das terras de floreo da pequenina urbe, determinara a planta urbanística.

Padres que atuaram na Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio

Muitos foram os sacerdotes que assumiram a direção da Igreja da Padroeira em São Fernando, sendo o primeiro, por óbvio, o pe. Francisco Rafael Fernandes, seguido pelos ínclitos sacerdotes:

Pe. Celso Cicco;

Pe. Aderbal Villar;

Pe. João Agripino Dantas;

Pe. Manoel Dutra de Medeiros;

Pe. José Mário Lourenço de Medeiros;

Pe. José Tadeu de Araújo;

Pe. Manoel Pedro Neto;

Pe. José Delfino de Araújo;

Pe. Francisco de Assis Dantas de Lucena;

Pe. Alcivan Tadeus Gomes de Araújo;

Pe. Nixon Bezerra de Brito;

Pe. Joildo Dutra de Medeiros;

Pe. Antônio Jailson da Silva;

Pe. José Teixeira;

Pe. Rômulo Azevedo da Silva;

Pe. Alexandro Araújo de Medeiros;

Pe. Gerlúcio de Medeiros;

Pe. Héilton Marconi Dantas de Medeiros;
Pe. Rodrigo Jovita Ubaldo; e
Pe. José Alves dos Santos.

Todos desenvolveram seus ofícios com empenho e muito zelo, sendo, por conseguinte, recebidos pelos sãofernandenses com muito apreço e respeito.

Obviamente, com a evolução do pensamento humano e a constante transformação dos costumes, a Igreja Católica Apostólica Romana viu-se forçada a imprimir algumas estratégias de sobrevivência da sua dominação sobre os cristãos.

Dentre as estratégias de sobrevivência além de mudanças no modo de pregação, como por exemplo, abandonando o latim em favor da língua pátria, do ponto de vista administrativo também passou por alterações significativas. Nesta linha, em 01 de maio de 1997, o bispo Diocesano - Dom Jaime Vieira Rocha, elevou a Igreja de São Fernando à categoria de Área Pastoral Autônoma de Evangelização, com subordinação a Nossa Senhora dos Aflitos, em Jardim de Piranhas. Em 06 de dezembro de 2008, Dom Manoel Delson Pedreira da Cruz, bispo Diocesano de Caicó, fez uma nova alteração administrativa na igreja de São Fernando, elevando-a a condição de Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio.

A organização da Igreja

A Igreja Católica como entidade secular com mais de dois milênios de atuação no planeta Terra funciona com base numa sistemática emanada do Vaticano. Grosso modo, em São Fernando ela atendeu este script, tendo ao longo de sua história os seguintes órgãos: Conselho Pastoral Paroquial, Apostolado da Oração, Pastoral da Criança e Pastoral do Idoso.

O Conselho Pastoral Paroquial

O Conselho Pastoral Paroquial atua em conjunto com o pároco, e ajuda a decidir o que será feito na comunidade. Evidentemente, como a Igreja em São Fernando até o ano de 2008 não era reconhecida como Paróquia ou mesmo como Área Pastoral Autônoma, o Conselho Pastoral Paroquial que definia as estratégias de sua atuação era o da paróquia à qual São Fernando estava submetido, sendo inicialmente a Paróquia de Caicó e depois, com o advento do reconhecimento de Área Pastoral Autônoma em 01 de maio de 1997, a Paróquia de Nossa Senhora dos Aflitos, em Jardim de Piranhas. Com a decisão do bispo diocesano Dom Manoel Delson Pedreira da Cruz, em 06 de dezembro de 2008, de elevar a Igreja Católica, em São Fernando, à categoria de Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, houve a necessidade natural da criação do

Conselho Pastoral Paroquial, que se deu no ano de 2009, e cuja primeira constituição contou com os ilustres cidadãos:

Pe. Gerlúcio de Medeiros

Joaquim Aprígio Neto

José Gilson da Silva Santos

Maria Gorette dos Santos Meira

Terezinha Etelvina

Maria das Graças Dantas

Sueli Santos da Silva

Saliente-se que esta atuação definida em conjunto com o(s) pároco(s) dizia respeito à atuação do braço social da Igreja, pois a atuação religiosa, isto é, a forma de administrar os sacramentos do batismo, da eucaristia, da crisma, do matrimônio, da unção dos enfermos, além da catequização de modo geral sempre foi definida pelo Vaticano, por ordem de Sua Onipotência – o Papa.

67

O Apostolado da Oração

O Apostolado da Oração conforme se presume a partir do significado do próprio nome, quer dizer grupo de doze pessoas católicas leigas que atuam com o propósito de obter santificação pessoal e a evangelização de seus semelhantes na sociedade da qual toma parte. E por que doze pessoas? Esta simples conclusão deriva do grupo de apóstolos que

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

acompanhou Jesus Cristo na Terra com a finalidade precípua de difundir a nova religião – a cristã.

O Apostolado da Oração criado em São Fernando em 1919 pelo pe. Celso Cicco, teve como primeira presidente a senhora Mônica Ferreira Vale, esposa do senhor Bartolomeu Betezardes Gonçalves Vale. Ao longo de sua existência várias outras honradas mulheres presidiram-no, a saber: Mônica Ferreira Vale, Petronila do Patrocínio, Maria de Medeiros Nóbrega, Natália Araújo de Azevedo, Maria da Paz Fernandes, Maria das Neves dos Santos, Ana Pinheiro de Medeiros, Maria Maísa de Araújo Medeiros, Antônia Pádua de Araújo, Maria Gorette dos Santos Meira, Terezinha Etelvina, Elza Dantas de Araújo e Maria da Guia de Medeiros. A primeira diretoria do Apostolado da Oração em São Fernando foi constituída pelas seguintes cidadãs: Mônica Ferreira Vale – presidenta, Francisca Clara de Vasconcelos – secretária, Felisbella de Freitas Vale – tesoureira, Saturnina Maria do Rosário, Luíza Maria da Conceição, Maria Adelaide dos Santos e Honorata Maria de Santana - membras.

O trabalho no Apostolado da Oração foi no sentido de auxiliar os padres na catequização dos cristãos sãofernandenses, máxime as crianças através de uma escola de catequização na Casa Paroquial, geralmente com encontros semanais, onde tratavam com empenho temas como o batismo, a eucaristia, a crisma, o matrimônio, etc. Com efeito, a

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

religiosidade da sociedade sãofernandense ao longo do século contado a partir de 1919, é fruto do trabalho das ínclitas cidadãs leigas que integraram o Apostolado da Oração. E assevera-se isso com base em dados assaz razoáveis, se considerarmos que a Igreja no Seridó não disponha no clero de padres em número suficiente para residir em seu pastoril, de modo que a presença de sacerdotes nas chãs de serras sãofernandense se dava de quando em quando, salteando entre quinze e trinta dias. Tendo, inclusive, períodos sem titularidade na igreja, que eram cobertos pelos padres Antenor Salvino de Araújo e Ozônio Tércio de Araújo, párocos da Igreja de Sant’Ana e São José, respectivamente, em Caicó/RN.

A Pastoral da Criança

A Pastoral da Criança nasceu em 1982, pela ação de Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, cujo objetivo foi a conjugação de esforços para diminuir a mortalidade infantil no Brasil. Ela, desde o seu florescimento, atua em conjunto com a UNICEF e teve como condutora a irmã do fundador, a médica sanitária Zilda Arns, que contou com o suporte de Dom Geraldo Majella Agnelo. Foi implantada inicialmente na Paróquia de São João Batista, em 1983, na cidade de Florestópolis, no Paraná. Sua atuação sempre contou com a participação de voluntários; cujas lideranças integram a comunidade na qual atuam. Esta estratégia facilitou o seu sucesso uma vez que as *“pessoas imbuídas no trabalho*

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

conhecem intimamente a realidade familiar do ambiente em que residem, podendo orientar e auxiliar melhor os que necessitam de ajuda de cunho social”.

Em São Fernando a Pastoral da Criança iniciou os trabalhos em 1983, seguindo a orientação da Paróquia. Sua primeira presidente foi a senhora Maria Maísa de Araújo Medeiros, que desenvolveu um trabalho na periferia com as famílias mais carentes, trabalhando orientações na área de direitos sociais e bem como de normas de higiene pessoal e comunitária. Em muitas ocasiões atuou fazendo a coleta de mantimentos para distribuição a famílias em situação de alta vulnerabilidade. Esta Pastoral já foi coordenada por Rita Rejane Pereira de Araújo, Maria da Guia de Medeiros, Joana Darck Fernandes, Isaac Alexandre dos Santos e Rita Rejane de Araújo com atuação neste ano de 2020.

70

A Pastoral da Pessoa Idosa

A Pastoral da Pessoa Idosa começou a ser trabalhada em 1993 a partir de um encontro entre duas pessoas sonhadoras: Dra. Zilda Arns Neumann, então Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança, e Dr. João Batista Lima Filho, médico geriatra e então presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, seção Paraná. A metodologia de trabalho foi a mesma definida para a Pastoral da Criança, isto é, através do trabalho voluntário de líderes

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

locais que conhecem a realidade familiar in loco. A ideia principal de atuação foi, desde o princípio, a de que ao invés de “*multiplicar peixes e pão extraído de Marcos, 6, 34-44; organizar a comunidade para multiplicar os conhecimentos científicos e a solidariedade com os idosos*”.

Foi a partir da consciência desenvolvida através deste trabalho que no ano de 2004 entrou em vigor o Estatuto do Idoso por meio da Lei Federal n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003. Frise-se que inobstante a norma legal ser de 2003, o seu art. 118, estabelece textualmente que sua entrada em vigor somente decorreria 90 (noventa) dias da sua publicação.

Com o advento da Lei em defesa da pessoa idosa, em São Fernando o trabalho passou a funcionar em parceria entre a Igreja Católica e a Secretaria Municipal de Assistência Social sob a coordenação das Primeiras Damas – Terezinha Maia de Medeiros – 2004 a 2008, Gilvaneide Lins de Medeiros Maia – 2009 a 2016 e Marines Araújo da Silva Medeiros – 2017 aos dias atuais.

Este trabalho em São Fernando, grosso modo, sempre foi direcionado para a socialização da pessoa idosa que, não raramente, é injustiçada no seio da família, deixando-a à margem das relações interpessoais. No Brasil, e também em São Fernando, reina a cultura de valorização do jovem, do belo, da ligação com os modismos em detrimento à experiência e a

sapiência construídas ao longo de anos pelos mais idosos. Daí a importância da Pastoral da Pessoa Idosa desenvolvida pela Igreja Católica sob a coordenação nacional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, que no ano de 2003 lançou a Campanha da Fraternidade com o tema: “Fraternidade e as Pessoas Idosas” e o lema: “Vida – Dignidade – Esperança”. E resultou do gesto concreto desta Campanha a criação, pelos Bispos do Brasil, da Pastoral da Pessoa Idosa, que designaram a Dra. Zilda Arns Neumann para organizar e coordenar esta nova Pastoral por um período de três anos.

A Festa da Padroeira e suas consequências religiosa, social e econômica

72

A Igreja Católica Apostólica Romana tem como estratégia existencial a ideologia do conservadorismo e da tradição aos sacramentos. Dentro deste espectro de conservadorismo algumas estratégias foram desenvolvidas desde os primórdios, como por exemplo a indicação de um(a) santo(a) como padroeiro(a) e bem como a organização do(a) Festa do(a) Padroeiro(a), que acontece uma vez anualmente.

A Festa da Padroeira é o momento de sublimação e de afirmação de toda religiosidade da comunidade cristã. É para este período que as atividades sacramentais desenvolvidas durante o ano são direcionadas e acontecem, grosso modo, o

“Vestígios que nos conduzem à atualidade”

clímax, ou seja, o ponto mais elevado dos eventos. Assim vê-se repetir acontecimentos de batizados, primeira eucaristia, crisma, matrimônios, etc., seguido de novenário e várias missas, procissões de abertura e encerramento, todos os anos durante a Festa. Naturalmente este período mexe com o imaginário popular e todos os integrantes da comunidade sentem-se na obrigação de participar dos eventos religiosos, servindo assim como estratégia definidora da fé cristã, de tal modo que até mesmo aqueles que só vão a igreja durante a festa se professam cristãos católicos. Isso é na expressão conceitual um catolicismo de rebanho, em que o todo e o meio imprimem a definição automática dos indivíduos como cristãos católicos.

Socialmente a Festa da Padroeira é via de regra o principal acontecimento da cidade. Em comum a igreja adota o período de dez dias corridos para as atividades religiosas e sociais de forma concomitante.

Os eventos sociais são divididos entre a igreja, o poder público e a iniciativa privada com a organização de quermesses, festas dançantes em vias públicas e em clubes sociais e/ou particulares, além da instalação de comércios ambulantes para venda de bijuterias, comidas, bebidas, diversões em jogos e brincadeiras em parques infantis e adultos. Estes acontecimentos sempre movimentaram a população, fortalecendo os vínculos sociais e interpessoais.

Acentue-se que os eventos sociais durante a Festa da Padroeira “Nossa Senhora do Patrocínio” estimulavam o lançamento de novos estilos vestuários que resultavam modas consumida pelos jovens no ano seguinte. A esse respeito, é bom que se esclareça, que estas modas não eram planejadas por estilistas locais. Elas acompanhavam tendências exógenas, especialmente dos Estados Unidos da América, com o uso do jeans em seus vários modismos, azul marinho, descolorado e por fim, acreditem, rasgado.

Do ponto de vista da economia a Festa da Padroeira é aguardada por todos os comerciantes locais, e se configura como uma ótima oportunidade para o aumento das vendas que vão desde bijuterias, comidas, bebidas a outras mercadorias como roupas, calçados e serviços como corte de cabelos, maquiagem, pedicure e manicure, etc. Numa cidade pequena como São Fernando a Festa da Padroeira é fundamental para o fortalecimento da economia local, e pela sua importância termina por balizar os principais investimentos da cidade.

BIBLIOGRAFIA / REFERÊNCIAS

NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça; ARAÚJO, Francineide. Turismo Arqueológico no Seridó Potiguar: Possibilidades e Entraves para o Desenvolvimento Regional - X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 15 a 18 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul, Artigo publicado no sítio eletrônico: [https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[18\]x_anptur_2013](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[18]x_anptur_2013).

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2.^a edição, 1995.

MACÊDO, Helder Alexandre Medeiros de. Reflexões sobre a questão indígena no Seridó: entre a História e patrimônio cultural”, Artigo publicado https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v7n1/Espacialidades_v7n1_11, 2014.

BEZERRA, Fernando Antonio. Artigo publicado no site: putegi.blogspot.com, setembro de 2015.

SANTOS, José Ozildo dos. Artigo sobre a origem do pe. Francisco Rafael Fernandes publicado no site: www.construindoahistoria.com, 2010.

BLOG DO TIM CARRIKER. Os milagres constantes na Bíblia no seguinte endereço eletrônico: <http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/2007/10/28/35-todos-milagres-do-novo-testamento/>.

MEDEIROS, Maria das Dores; ARAÚJO, Marta Maria de. A Pedagogia Cultural da Igreja Católica para Caicó – RN e a Festa de Sant’Ana, Século XVIII – UFRN, Artigo publicado no site: sbhe.org.br.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; LEMOS, Nivaldo Jesus Freitas de; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. História das sociedades americanas. 4.^a edição. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1990.

BURNS, Edward McNall; LEMER, Robert E; MEACHAM, Standish. História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais. 35.^a edição. São Paulo: Ed. Globo, 1994.

ARQUIVO PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO. São Fernando: 2020.

BLOG DO TIM CARRIKER, sítio: <http://ultimato.com.br/sites/timcarriker/2007/todos-milagres-do-novo-testamento>, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FERNANDO através do sítio eletrônico: www.saofernando.rn.gov.br.

Sítio eletrônico: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conferencia_Nacional_dos_Bispos_do_Brasil.

Sítio eletrônico: <http://arquidiocesedenatal.org.br/especiais/historia>.

ARAÚJO, Marta Maria de. Os educadores, as educadoras e os livros de estudo e leitura do caicoense no século XVIII – UFRN, Artigo publicado no sítio eletrônico: 26reuniao.anped.org.br, 2003.

MAGALHÃES, Jósa. O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá, Ceará: a circulação de discursos na invenção de uma tradição. Artigo publicado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200007, 2012.

SANTANA. Ana Lúcia. A Pastoral da Criança. Artigo disponível no sítio eletrônico: <http://www.pastoraldacrianca.org.br/>, consultado em 12/06/2020.

PASTORAL DA PESSOA IDOSA – CNBB. Histórico disponível no sítio eletrônico: <http://www.pastoraldapessoaidosa.org.br>, em 12/06/2020

Sítio eletrônico: <https://www.geni.com/people/Cosme-Damiao-%CC%83o-Fernandes> apud “Velhas Famílias do Seridó” de Olavo de Medeiros Filho, Brasília, 1981.